

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 1 | Nº 2 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3858069>



REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Michel Goulart da Silva¹

Resumo

Neste ensaio discute-se uma breve trajetória das Ciências Humanas enquanto parte fundamental para a consolidação do Estado moderno no contexto das Revoluções Burguesas. Mostra-se, ademais, como esse processo político afeta a produção do conhecimento e o papel cumprido pelas teorias críticas no sentido de apontar para a possibilidade de superação da realidade concreta.

Palavras chave: Ciências Humanas; Economia Política; Marxismo.

Abstract

In this essay, a brief trajectory of Human Sciences is discussed as a fundamental component for the consolidation of the State in the context of the Bourgeois Revolutions. Furthermore, it shows how this political process has affected the production of knowledge and the role played by critical theories in the sense of pointing to a possibility of overcoming concrete reality.

Keywords: Human Sciences; Marxism; Political Economy.

No dia 24 de março, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), ao qual está vinculado o CNPq, publicou uma portaria na qual define suas prioridades para o período de 2020 a 2023. No referido documento, o MCTIC estabeleceu como prioritários os projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovações voltados apenas para cinco áreas de tecnologia, excluindo as Ciências Humanas. Pela portaria, o MCTIC deverá centrar sua política de fomento, que ocorre principalmente por meio de bolsas e de apoio a projetos, em áreas de pesquisa aplicada. Isso não significa que áreas como Educação, Geografia, História, Sociologia, entre outras, estejam excluídas da política de fomento do MCTIC, mas que esses possíveis investimentos não são vistos de forma prioritária. Diante das críticas feitas à portaria, se apresentou uma nova redação, que afirma: “são também considerados prioritários, diante de sua característica essencial e transversal, os projetos de pesquisa básica, humanidades e ciências sociais”. Contudo, essa formulação genérica é insuficiente e não garante às diferentes áreas das Ciências Humanas que seus projetos receberão fomento (SILVA, 2020).

O governo Bolsonaro desde o começou apresentou as Ciências Humanas como suas inimigas, explicitando o entendimento de que essas áreas do conhecimento cumpririam apenas o papel de doutrinar crianças e jovens, atribuindo a áreas como a História e Sociologia um caráter de ideologia

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC). Email para contato: michelgsilva@yahoo.com.br



“esquerdista”. Para o governo e muitos de seus apoiadores, as Ciências Humanas seriam áreas do conhecimento dominadas pelas ideias de pensadores considerados perigosos, como Marx e Paulo Freire (SILVA, 2019). Em sua escalada de combate ao racionalismo e à ciência, baseando suas ações políticas numa fé abstrata, o governo acaba ideologicamente se colocando em contradição até mesmo com as ideias iluministas, portanto, da própria burguesia.

As áreas do conhecimento chamadas de Ciências Humanas começaram a se consolidar como campo científico com o ascenso da burguesia, em torno do século XV. O Renascimento foi um marco desse processo. Nesse período, inicia-se o abandono do conhecimento baseado em abstrações religiosas, passando-se a basear-se em pesquisas e análises da realidade material. Segundo Engels (2005, p. 21-2),

com a ascensão da burguesia, produziu-se o grande ressurgimento da ciência. Voltava-se a cultivar a astronomia, a mecânica, a física, a anatomia, a fisiologia. A burguesia necessitava, para o desenvolvimento de sua produção industrial, de uma ciência que investigasse as propriedades do corpo físico e o funcionamento das forças naturais. Mas, até então, a ciência não havia sido mais que a servidora humilde da Igreja, não lhe sendo prometido transpor as fronteiras estabelecidas pela fé; em outras palavras, havia sido tudo menos uma ciência. Agora, a ciência se rebelava contra a Igreja; a burguesia precisava da ciência e se lançou com ela na rebelião.

Ente as Ciências Humanas, possivelmente a primeira área do conhecimento a se consolidar tenha sido a Economia Política, destacando-se nomes como Adam Smith e David Ricardo. Uma burguesia que vinha gradativamente ampliando seu espaço na sociedade e vendo as grandes fábricas paulatinamente superarem a organização artesanal da produção, necessitava compreender cientificamente esse processo. Em suas obras centrais, Smith e Ricardo, bem como outros pensadores, possibilitaram a compreensão da organização do trabalho e da produção da riqueza. Contudo, as análises desses pensadores eram limitadas aos interesses da burguesia, afinal não faria sentido aprofundar essa compreensão em todas as suas contradições e, dessa forma, decifrar a complexidade do processo de exploração e explicar para os trabalhadores a possibilidade da revolução dos explorados. Nesse processo, portanto, “os interesses de classe, que nas ciências sociais se expressaram muito mais direta e imperiosamente do que nas ciências naturais, bem cedo frearam o desenvolvimento do pensamento econômico da sociedade burguesa” (TROTSKY, 2015, p. 227).

Com a conquista do poder do Estado pela burguesia, a partir das Revoluções Burguesas, entre os séculos XVII e XIX, a própria Economia Política entra em decadência, se tornando uma mera apologia ideológica dos interesses de sua classe. Na Inglaterra, segundo Marx (2003, p. 85),

sua economia política clássica coincide com o período em que a luta de classes ainda não estava desenvolvida. Seu último grande representante, Ricardo, converte afinal, conscientemente, a antítese entre os interesses de classe, entre o salário e o lucro, entre o lucro e a renda da terra em ponto de partida de suas investigações, concebendo essa antítese, ingenuamente, como uma lei



natural da sociedade. Com isso, porém, a ciência burguesa da economia chegara a seus limites intransponíveis.

O processo de consolidação do poder da burguesia contribuiu para a constituição de uma série de áreas do conhecimento, incluindo as chamadas Ciências Humanas. Contudo, o desenvolvimento dessas áreas associa-se às necessidades da burguesia no poder. Segundo Marx (2003, p. 86), no que se refere à Economia Política,

na França e na Inglaterra, a burguesia conquistara o poder político. A partir de então, a luta de classes assumiu, teórica e praticamente, formas cada vez mais acentuadas e ameaçadoras. Ela fez soar o dobre fúnebre pela economia científica burguesa. Não se tratava mais de saber se este ou aquele teorema era verdadeiro, mas se, para o capital, ele era útil ou prejudicial, cômodo ou incômodo, se contrariava ou não as ordens policiais. O lugar da investigação desinteressada foi ocupado pelos espadachins a soldo, e a má consciência e as más intenções da apologética substituíram a investigação científica imparcial.

Esse processo também impactou as demais áreas das Ciências Humanas. Trotsky (2015, p. 190) afirma que “a investigação social dedicou primeiramente seus esforços para a justificação da sociedade surgida historicamente, a fim de preservá-la contra ataques de ‘teorias destrutivas’”. Um exemplo desse impacto nas Ciências Humanas é a História, cujas raízes podem ser encontradas nas narrativas da Antiguidade ou em memorialistas durante o Antigo Regime, e que ganhou corpo como ciência ao longo do século XIX, passando a cumprir papel decisivo na construção de narrativas e tradições culturais. Em processos como o de unificação da Alemanha (1871) a contribuição de historiadores foi decisiva. Outro exemplo é a Antropologia, que, ao permitir o conhecimento sobre as culturas e tradições de diferentes povos, cumpriu papel central para que a burguesia levasse a cabo sua política imperialista, no final do século XIX.

Outro campo que cumpriu papel decisivo para os interesses da burguesia foi a Sociologia, que procurava analisar as consequências do desenvolvimento capitalista na Europa, se ocupando de temas como a organização do trabalho, o papel do Estado sobre a sociedade e, até mesmo, as causas do suicídio. O diagnóstico sobre os problemas da sociedade era fundamental para o capitalismo em expansão no século XIX, ainda que fosse preciso, em paralelo, construir ideologias de naturalização das contradições da sociedade, prometendo sua melhoria por dentro da ordem vigente.

Com o advento do marxismo e de outras formulações teóricas críticas e sua introdução em diversos campos do conhecimento, abriu-se a possibilidade de apontar para formas de superação tanto do conservadorismo teórico e metodológico dessas áreas do conhecimento como da própria sociedade. Contudo, o marxismo, ainda que tenha se mostrado uma ferramenta importante para explicar as contradições da sociedade e apontar para formas de superar essa situação, permanece marginalizado nos



meios acadêmicos, que expressam, de forma distorcida, a luta de classes e a dominação burguesa. Nesses meios, apesar da conquista de algum espaço, geralmente o marxismo é tratado como uma mera “ideologia”, sendo desconsiderado o seu caráter científico.

Portanto, as Ciências Humanas, em sua consolidação como campo científico, estão profundamente associadas ao desenvolvimento do capitalismo, sendo centrais na manutenção do poder pela burguesia. O atual combate de Bolsonaro e de seus apoiadores contra as Ciências Humanas, portanto, mostra uma compreensão um tanto quanto retrógrada da questão, afinal essas áreas do conhecimento estão associadas à dinâmica das Revoluções Burguesa. Ademais, a suposta dominação dessas áreas pelo marxismo ou por outras teorias consideradas subversivas não passa de uma ilusão que tem mais relação com o embate político contemporâneo do que com a realidade concreta.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Editora Centauro, 2005.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política, Livro I. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

SILVA, Michel Goulart da. “O Escola Sem Partido como expressão do ideário militar”. **Revista Germinal**, vol. 10, n. 3, 2019.

SILVA, Michel Goulart da. A pandemia e a importância das Ciências Humanas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 6, 2020.

TROTSKY, Leon. **Escritos filosóficos**. São Paulo: Editora Iskra, 2015.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 1 | Nº 2 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima